



## **Sistema parado no tempo: A teia negra que enfeia a cidade**

Alexandre Santos

Comentário sobre o atraso representado pela fiação aérea que caracteriza as cidades.

Se viajasse no tempo, com sensação semelhante àquela que experimentamos quando vemos fotografias antigas, um homem do futuro teria muito o que reclamar das cidades atuais. Sistemas de transportes ineficientes, modelos de logística e abastecimento ridículos, conjuntos habitacionais sépticos, centros de convivência capengas, lógica urbana inadequada, serviços médicos, de saúde e de saneamento precários, esquemas de governo e de gestão autoritários, baixos índices de reciclagem, elevada sensação de insegurança, insuficiência da rede de educação, carência de equipamentos públicos de cultura e lazer, altas taxas de poluição, deficiências no fornecimento de água e de energia, etc. etc. etc. Se fosse benevolente, este visitante do futuro poderia suavizar a crítica e buscar justificativas para as lacunas na insuficiência do nível de desenvolvimento social e econômico e do estágio do avanço científico e tecnológico. Estas são as explicações que, ao olhar para o passado, encontramos, por exemplo, para o Palácio de Versailles, residência do todo poderoso Luís XIV e sua corte, ter sido construído com 700 quartos sem qualquer instalação sanitária ou para o costume europeu de realizar casamentos na primavera, em meio a jardins floridos, como forma de disfarçar a inhaca que exalava dos noivos e convidados por conta da falta de asseio pessoal.

Mas, o que esse homem do futuro diria se visse absurdos sem lógica ou explicação?

'Incompetência', 'irresponsabilidade', 'inapetência', 'ignorância'. Talvez estes fossem alguns dos desabaços que ele proferiria se, por exemplo, olhasse para cima e, ao invés da copa de árvores frondosas entremeadas por nacos de céu, deparasse as densas teias negras tecidas sem remorso pelas companhias de eletricidade e de transmissão de dados com fios e cabos de todos os calibres a partir do paliteiro de postes fincados sem ordenamento nos passeios públicos, roubando o parco espaço destinado aos pedestres. Na realidade, as pessoas não precisam vir do futuro para se horrorizar com a feiúra dos emaranhados que balizam a primeira camada aérea do sobressolo da cidade. Faça um teste você mesmo. Olhe para o cume de um poste e veja o montão de fios e cabos, isolados, desorganizados em ninhos esgarçados ou amarrados em feixe - arranjos feito a esmo, que, longe de querer dar poleiro para os cada vez mais raros pássaros urbanos, agridem a estética e a lógica.

Embora, na maioria dos casos, de tão constante, a presença dos postes ligados uns aos outros por uma infinidade de cabos e fios esteja incorporada à paisagem, enfeando a cidade impunemente, é importante frisar que, atravessando os anos sem alteração desde o início do século passado, este sistema não pode ser considerado normal ou, mesmo,

aceitável. Ou alguém, por acaso, acha que não existe sistema menos feio para fazer a transmissão de energia e de dados? Claro que existe. Note que, mesmo se não tivesse havido qualquer avanço tecnológico no setor, inclusive aqueles alardeados pelas empresas que cravam os postes e estendem os fios - que tanto falam em operação remota, transmissão Bluetooth, sistemas wireless, robótica e tantas coisas futuristas -, sempre haveria a possibilidade de, pura e simplesmente, embutir os calhamaços em galerias subterrâneas, resolvendo o problema.

Mas, se é de fácil solução e o desmando continua é porque falta interesse à autoridade que deveria estabelecer e fazer cumprir regras sobre o assunto. Seja como for, nos dias correntes, graças a cumplicidade do Estado, as companhias agem ao bel prazer, cravando postes e, neles, estendendo os fios que quer e da forma como quer - uma bagunça que revela terreno sem lei, no qual ninguém manda e, ao mesmo tempo, como via de consequência, todos mandam, permitindo florescer a tropelia que, desconsiderando a inteligência e a sensibilidade das pessoas, tenta consagrar a parafernália dos fios como padrão estético aceitável. Acontece que, embora a maioria dos olhares esteja anestesiada pelo avanço progressivo dos rastafáris que brotam dos postes cada vez mais cabeludos, as pessoas não perderam o senso de beleza e, inconscientemente, esperam o dia em que só precisarão aturar as feiúras indispensáveis. O governo não pode fingir desconhecer o desmando, nem, muito menos, sua responsabilidade sobre ele, deixando a questão a mercê das empresas de eletricidade e de transmissão de dados. É hora do governo intervir no assunto e, fazendo valer o interesse público e mandar embutir os tufos de fios e cabos que enfeiam os céus da cidade, disciplinando a transmissão de dados e de eletricidade nas cidades.

(\*) Alexandre Santos é presidente do Clube de Engenharia de Pernambuco

Publicado em 29 de outubro de 2012 pelo jornal 'Folha de Pernambuco'. Ver [http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/10/29\\_10\\_2012/0014.html](http://www.folhape.com.br/cms/opencms/fohape/pt/edicaoimpressa/arquivos/2012/10/29_10_2012/0014.html)